

Resenha

ANTES DAS PRIMEIRAS ESTÓRIAS, João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011, 96 páginas. Introdução de Mia Couto. Fotos, ilustrações. ISBN: 978.85.209.2622-2

Roberto de Sousa Causo¹

Em 2008, Braulio Tavares publicou o livro *A Pulp Fiction de Guimarães Rosa* (Editora Marca de Fantasia), com ensaios que abordam a fantasia e o fantástico em fases diversas da carreira de João Guimarães Rosa (1908-1967), o canônico autor do Grande Romance Brasileiro, *Grande Sertão: Veredas* (1956).

Um interesse especial foi reivindicado pelo ensaio que dá título a esse ótimo livro de Tavares, “*A Pulp Fiction de João Guimarães Rosa*”, publicado em 1998 no agora extinto “Caderno de Sábado” do *Jornal da Tarde*. O texto dava conta de quatro narrativas que Rosa publicou em 1929 e 1930 (quando ainda era estudante de medicina). Essas histórias apareceram na revista *O Cruzeiro* e em *O Jornal*, todas muito distintas do que seria a tônica da carreira do autor mineiro, a partir dos livros de contos *Sagarana* (1946), *Corpo de Baile* (1956) e *Primeiras Estórias* (1962), além do seu consagrado romance. Na fase conhecida e consagrada do autor, imperavam a mistura do regionalismo com uma inventividade estilística que impressionou os críticos, fazendo com que fosse apontado como um autor de vanguarda e nome central no pós-modernismo brasileiro.

A revelação de Tavares – que pode bem ter sido anunciada antes por outros observadores literários – tornou a publicação deste *Antes das Primeiras Estórias* simultaneamente aguardada e frustrante, pelo tempo que o livro demorou para surgir. É o terceiro livro de contos de publicação póstuma de Rosa, seguindo a *Estas Estórias* e *Ave, Palavra*, ambos de 1969. Este, porém, é especialmente interessante para o leitor e pesquisador do campo da literatura popular, por todas as questões que incorpora, raramente levantadas no ambiente literário brasileiro.

O primeiro conto é “O Mistério de Highmore Hill”, publicado em *O Cruzeiro* em 7 de dezembro de 1929. Essa importante revista que durou de 1928 a 1975, e o conto foi ilustrado pelo “Professor” Carlos Chamberlland – que assina as ilustrações de três das quatro histórias reunidas no livro.

O Cruzeiro foi uma espécie de revista de assunto gerais que publicava ficção, provavelmente muito próxima do que eram as sofisticadas revistas *slick* americanas do mesmo período: *The Atlantic*, *Esquire*, *The New Yorker* e *Saturday Evening Post*. No extremo oposto dessas publicações, estavam as *pulp magazines*, a maior parte dedicada exclusivamente à ficção, e a uma ficção voltada para o sensacional, o extraordinário e a aventura, em gêneros como o *western*, a ficção de detetive, a ficção científica, o mistério e o horror.

Mas havia uma comunicação entre os dois campos, um mais respeitável, o outro mais popular, e muitos autores *pulp* falavam em se exercitar nas revistas populares até se “graduarem” para as *slicks*, provavelmente mantendo os seus gêneros de interesse, mas com maior atenção para o estilo e a psicologia dos personagens.²

No Brasil, começa em 1934 um ciclo das chamadas “revistas de emoção”, a versão local das *general pulp magazines* (vários gêneros), segundo a pesquisa original do Prof. Athos Eichler Cardoso, da Universidade de Brasília.³ Mas os gêneros e o enfoque “emocionante” já circulavam em outras publicações, revistas e livros, lançadas anteriormente, no século XIX ou nas primeiras décadas do XX. Essa tradição latente de literatura popular ou de gênero forma a base da inspiração de Rosa para os textos de *Antes das Primeiras Estórias*.

Abre o livro “O Mistério de Highmore Hill”, narrativa gótica ambientada num ruinoso castelo escocês, onde o médico Angus Dumraid vai passar alguns dias para atender a *Sir John Highmore*, que vive em grande depressão depois que sua esposa, Anne, fugiu com um rapaz vizinho. Mas durante sua estada no castelo, Dumraid testemunha o ressurgimento de fatos do passado de Highmore, que vêm assombrá-lo.

O fantástico surge do grotesco e da atmosfera gótica de simultânea decadência física da propriedade, e da moral do seu senhor. A narrativa é direta e vigorosa e se casa perfeitamente com histórias semelhantes produzidas na Europa, da segunda metade do século XIX até aquele ponto, exceto talvez por certa brevidade. A linguagem é evocativa e admite apenas pequenas contorções de estilo, pare reforço do efeito do sombrio, como no exemplo: “À luz dos relâmpagos ele negrajava como mancha enorme de nanquim, e delineava-se palidamente nos intervalos de escuridade.” (Rosa 29)

O conto transmite um afã e uma paixão de aficionado, em realizar aquilo que os mestres europeus praticavam. O mesmo se dá com “Chronos Kai Anagte” (*O Cruzeiro* N.º 85, de 21 de junho de 1930), conto ambientado em um torneio internacional de xadrez em que o Tempo e a Fatalidade tomam forma humana para favorecer o jovem

ucraniano Zviazline. Em clima de pesadelo, essa narrativa alegórica transmite o gosto pelo grotesco nas descrições dos personagens: “viu na sua frente uma figura estranha de grifo, que relembra os retratos de Satanás (...).” (Rosa 58)

Já “Caçadores de Camurças” – este ilustrado pelo “Professor” H. Cavalleiro – soa como uma narrativa de E. T. A. Hoffmann (1776-1822), Frederick Marryat (1792-1848) ou de Guy de Maupassant (1850-1893), sobre dois amigos que disputam a mesma mulher. Ela promete se entregar àquele que caçar uma famosa camurça das montanhas, estabelecendo o terreno para uma disputa de vida e morte. O conto inquieta pelo estranho da premissa e pelo jogo moral de desejo, violência e arrependimento que se costura com o enredo. O estilo, por sua vez, é mais objetivo e cede à ambientação (aos trechos descritivos) a maior eloquência e os efeitos mais sugestivos.

Em nenhum dos contos do livro, fica mais evidente o embrião daquela elaboração léxica que o Guimarães Rosa do futuro transformaria em sua marca registrada, do que em “Makiné”, publicado primeiro no suplemento dominical d’*O Jornal*, de 9 de fevereiro de 1920. É a única história – ou “estória”, conforme Rosa preferia – ambientada no Brasil. A ambientação sugere um elo importante entre essa fase inicial da carreira de Rosa, com sua fase regionalista/experimental.

Trata-se de um Brasil pré-cabralino, visitado por Kartpheq, um astrólogo fenício que aqui aporta com todo um séquito de egípcios, etíopes e outros povos da África e Ásia que já freqüentariam o nosso território muito antes da chegada dos portugueses. O enredo narra a chegada, apresenta um discurso de Kartpheq aos seus acólitos, seguido do sacrifício de uma criança tupinambá e a subsequente revolta dos índios contra os invasores. A história pode facilmente ser lida como espada e feitiçaria ou como *weird fiction*,⁴ e sua proposta, excetuando o estilo, não está longe do projeto de Christopher Kastensmidt na sua série A Bandeira do Elefante e da Arara.⁵

Além do enfoque da visita anterior a 1500, que tem sido objeto de um sem-número de especulações históricas e místicas – sobre vikings, celtas, egípcios, japoneses, chineses e cretenses que teriam visitado o Brasil e a América do Sul antes da descoberta histórica do continente –, “Makiné” agrega o mito nativo de “Sumé”, primeiro relatado pelo Padre Manuel da Nóbrega em 1549, que o interpretou como a vinda, antes dos descobridores europeus, de São Tomé em missão civilizadora junto aos índios.⁶

Em “Makiné”, Sumé é “Summér, o arquimago, [que] quis também ficar aqui sozinho, quando da nossa primeira viagem, e nunca mais se teve notícia dele!” (Rosa

39) e “o ‘Sumé’ dos vermelhos” (49). Dessa forma, na interpretação ficcional de Rosa, Sumé é um outro mago fenício que já havia aportado antes no Brasil, e que, segundo Kartpheq, teria sido “um visionário, que tratava como iguais os homens tupinambás” (39). Kartpheq, porém, trata mal os indígenas e está nas terras deles para recuperar uma fortuna em diamantes guardados por Summér na gruta de Mag-Kinnér, chamada de Makiné pelos tupinambás, que, no conto, podem ser descendentes dos lemurianos – o que pode remeter a ficção de Rosa às especulações teosofistas de Helena Blavatsky (1831-1891), uma influência muito comum sobre os primeiros escritores de *weird fiction* como Lord Dunsany (1878-1957), Robert E. Howard (1906-1936) e H. P. Lovecraft (1890-1937).

Também em “Makiné” se tem uma prosa mais elaborada, sugerindo na ambientação brasileira dessa narrativa um embrião da sua futura exploração inventiva do regionalismo. Tavares a chamou de “peculiaríssima interpretação do regionalismo que começa a brotar no autor”.⁷ O parágrafo de abertura já o sugere: “Karthpheq, o astrólogo, assomou à boca da gruta e arrastou o olhar pelo campo que se declinava a seus pés. Contemplou as tendas trapezoidais de peles de texugo e linho colorido do arraial fenício, onde se movimentavam homens e animais nos últimos preparos da partida, em azáfama zumbidora de colmeal, e, mais além, na orilha do bosque, a a taba dos tupinambás amigos, mastreada de lanças compridas, cujos enfeites de penas multicores se agitavam à bafagem da brisa. E o viridário vegetal, aquarelado com todas as nuances de folhagem, desde as tintas chlorineas dos sarçais e relvados até o verde-fundo de pântano das frondes rupestres, esmeraldejava numa orgia de seiva, rodeando e invadindo os dois acampamentos.” (Rosa 35-36)

Já o seguinte trecho descritivo soa mais exótico e fantástico: “Estavam ali Narr-Baal de Tyro, valido do rei Hiram e chefe da expedição, trajando manto de seda púrpura, com o cinto e o turbante emperlados de jaspes, cravejados de esmeraldas e jacintos e granidos de gemas sardônicas; Quaimph de Sidon, de cujas relhas penduravam-se grossos brincos de ouro, em forma de carangueijos; Han-Dagon de Kitim, cujo pescoço esguio se ocultava nas contas de âmbar de um imenso colar; Kisdab e Bakbakkar, agentes hebreus do rei Salomão, vestido de túnicas azuis com labores e colchetes dourados.” (38)

Em seu livro, Braulio Tavares se apressa em declarar: “Não afirmo que Rosa conhecia as obras [de certos autores *pulp*], mas sim que todos eles respiravam, na época, a mesma atmosfera.”⁸ Mas a hipótese de que Rosa tivesse tido contato com a literatura

popular de fantasia não deve ser descartada. Na *Revista do Livro* Nº. 45 (2002), da Fundação Biblioteca Nacional, Agnes, uma das filhas de Rosa, informa que ele recomendava autores de aventura como Rudyard Kipling (1865-1936) e Joseph Conrad (1857-1924), e que foi leitor da *Ellery Queen Mystery Magazine*.⁹ A crônica literária também dá testemunho de que ele conhecia a ficção científica (refiro-me ao ensaio de Fausto Cunha, “Ficção Científica no Brasil”).¹⁰ Inclusive, seu conto “Um Moço Muito Branco”, presente em *Primeira Estórias* (1962), trata de um alienígena sinistrado na Terra.

Contos de Machado de Assis (1839-1908), Afonso Schmidt (1890-1964) e Lima Barreto (1881-1922) publicados nas antologias *Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica*, organizadas por mim para a Devir, dão testemunho de que autores importantes do *mainstream* literário brasileiro escreveram essa forma de literatura popular. Sabe-se que Patrícia “Pagu” Galvão (1910-1962) e Nelson Rodrigues (1912-1980) também escreveram ficção *pulp* sob pseudônimo para as revistas de emoção. Em busca de dinheiro, de leitores, ou apenas do diálogo literário com gêneros e idéias que circulavam na sua época, esses e outros grandes nomes deram sua contribuição a uma literatura popular nacional que permanece em grande parte não-mapeada.

Antes das Primeiras Estórias não é uma antologia crítica: não contextualiza bem nem a escrita nem as publicações originais dessas histórias, trabalho que foi melhor realizado por Braulio Tavares em *A Pulp Fiction de João Guimarães Rosa*. A curta introdução do renomado escritor moçambicano Mia Couto discorre apenas sobre a evolução do estilo de Rosa, e há trechos de “Makiné” ilegíveis, porque a cópia de *O Jornal* consultada estava degradada. (Supõe-se que todos estes anos decorridos desde o artigo de Braulio Tavares não significaram uma pesquisa maior junto a outras fontes, bibliotecas, colecionadores, etc.)

Enfim, juntamente com a introdução laudatória de Couto, uma foto de Rosa na página 94, vestindo o fardão da Academia Brasileira de Letras em 1967, deixa claro que este é um livro que se integrará à mítica de Guimarães Rosa apenas como curiosidade editorial. O seu potencial revolucionário é provavelmente maior para o leitor e o pesquisador de ficção de gênero brasileira, que tem em mãos um volume precioso que nos leva a um outro tempo, a outras circunstâncias e que nos fala de outras influências literárias.

“O fantástico foi a primeira opção literária de Guimarães Rosa”, Tavares escreveu. “Houvesse naquele momento uma tendência geral favorável na literatura brasileira, e Rosa possivelmente teria prosseguido nesse caminho.”¹¹

Notas:

¹ Doutorando, Universidade de São Paulo.

² Depoimentos sobre essa “graduação” podem ser encontrados em *Pulp Fictioneers: Adventures in the Storytelling Business*, John Locke, ed. Silver Spring, MD: Adventure House, 2004.

³ Cardoso, Athos Eichler. “As Revistas de Emoção no Brasil (1934-1949): O Último Lance da Invasão Cultural Americana.” Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1833-2.pdf>

⁴ Clute, John. “Weird Fiction.” *The Encyclopedia of Fantasy*. Eds. John Clute & John Grant. Nova York: St. Martin’s Press, 1997): “Termo frouxamente empregado para descrever histórias de FANTASIA, FICÇÃO SOBRENATURAL e HORROR [sic] que incorporem material transgressivo: histórias onde os motivos do ESGARÇAMENTO [thinning] e do SINISTRO [uncanny ou “o estranho”] predominam, e onde assuntos como OCULTISMO ou SATANISMO [sic] podem ser centrais, e onde DOPPELGÄNGERS [sic] abundam. A revista WEIRD TALES [sic] é rica em [weird fiction]. (...)” (p. 1000)

⁵ Veja o site de Kastensmidt em <http://www.eamb.org/brasil/>

⁶ Sobre Sumé, veja Câmara Cascudo. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global Editora, 4.^a edição, 2001, pp. 647-48.

⁷ Tavares, Braulio. *A Pulp Fiction de Guimarães Rosa*. João Pessoa, PB: Marca de Fantasia, 2008, p. 16.

⁸ Tavares, Braulio. *A Pulp Fiction de Guimarães Rosa*. P. 20.

⁹ Rosa, Agnes Guimarães. “Lembranças do ‘João Papai Beleza’.” *Revista do Livro da Fundação Biblioteca Nacional* N.º 45, Ano 14 (outubro 2002), p. 14. Na apresentação, o autor anônimo da entrevista afirma: “Passa-se a saber, [pelas lembranças de Agnes], que em matéria de literatura Guimarães Rosa fazia concessões ao gosto popular. Com o mesmo interesse com que lia os clássicos, divertia-se com as histórias do *Mistério Magazine de Ellery Queen*, revista de grande aceitação, publicada pela antiga Editora Globo, que circulou no Brasil nos anos 1950/60.” (9) A revista era versão de um título norte-americano, e chegou ao Brasil em 1949.

¹⁰ Cunha, Fausto. “Ficção Científica no Brasil: Um Planeta Quase Desabitado”. ALLEN, L. David. *No Mundo da Ficção Científica (Science Fiction Reader’s Guide)*. São Paulo: Summus Editorial, s.d., p. 10.

¹¹ TAVARES, Braulio. *A Pulp Fiction de Guimarães Rosa*. P. 26.